O Projeto Memória Globo reconta o período de redemocratização no Brasil: que história é essa?

MÁRCIA FANTINATTI

Jornalista, doutora em Ciências Sociais, líder do Grupo de Pesquisa Comunicação e Política (CNPq) e professora da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas

RESUMO

Procuramos revelar os principais pontos de vista que tentam justificar práticas jornalísticas pelas quais a Rede Globo foi criticada. Focalizamos de modo específico as versões contemporâneas apresentadas para episódios ocorridos no período de redemocratização no Brasil. Assim, nosso estudo se refere particularmente à cobertura jornalística do movimento pelas "Diretas Já" (1983-1984); à polêmica edição de debate presidencial entre os candidatos Collor e Lula (1989), levada ao ar pelo *Jornal Nacional*, às vésperas do segundo turno; à cobertura jornalística do movimento "Fora Collor", que reivindicava o *impeachment* do então Presidente da República, Fernando Collor de Mello (1992).

Palavras-chave: Mídia. Rede Globo de Televisão. Sociedade da Informação

ABSTRACT

We sought to reveal the main points of view that try to justify journalistic practices that the "Rede Globo" was criticized for. We focused specifically on the contemporary versions presented for episodes that occurred during the redemocratization in Brazil. Therefore, our study refers particularly to the journalistic coverage of the movement for the "Diretas Já" (1983-1984); the polemic edition of presidential debate between the candidates Collor and Lula (1989), broadcasted by the "Jornal Nacional", on the eve of the elections; to the journalistic coverage of the "Fora Collor" movement, that vindicated the impeachment of the President of the Republic at the time, Fernando Collor de Mello (1992).

Key words: Media. Globo Network. Society of the information

No presente artigo apresentamos reflexões propiciadas por pesquisa que desenvolvemos junto ao Centro de Linguagem e Comunicação (CLC), da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), intitulada “Uma nova Rede Globo: análise das transformações – no discurso e na imagem social – das Organizações Globo”. A partir do levantamento da narrativa e depoimentos de profissionais ligados à Rede Globo, divulgados ao público através de livros publicados pelo Projeto Memória Globo, procuramos revelar os principais pontos de vista – de funcionários, ex-funcionários e da cúpula da empresa – que tentam justificar práticas jornalísticas pelas quais a Rede Globo foi criticada.

Focalizamos de modo específico quais as versões contemporâneas, apresentadas pela emissora, para episódios no campo do telejornalismo ocorridos no período de redemocratização no Brasil, englobando desde a fase final da ditadura militar, o movimento intitulado ‘Diretas Já’, [1] até a eleição e o *impeachment* do primeiro presidente civil, no pós-ditadura.

Assim, nosso estudo refere-se, particularmente à cobertura jornalística do movimento pelas ‘Diretas’ – que reivindicava o fim da ditadura militar e a instauração de eleições diretas para Presidência da República, no período 1983-1984; à polêmica edição de debate (entre os candidatos Collor e Lula) levada ao ar pelo *Jornal Nacional* (JN), [2] às vésperas do segundo turno da eleição presidencial de 1989; à cobertura jornalística do movimento ‘Fora Collor’ – que reivindicava, em 1992, o *impeachment* do então Presidente da República, Fernando Collor de Mello (do PRN – Partido da Reconstrução Nacional).

Tomamos por base as publicações das Organizações Globo (realizadas pelo Projeto Memória Globo, relacionando-se diretamente aos mais destacados itens de sua programação), com especial atenção para o livro *Jornal Nacional - A Notícia faz História*, lançado em 2004, pela Jorge Zahar Editor, quando da comemoração aos 35 anos do principal telejornal da Rede Globo.

Com o intuito de compreender o papel da mídia televisiva no processo de reconstrução das identidades coletivas em nosso país, nossa pesquisa apresenta reflexão de natureza sociológica sobre algumas noções de jornalismo que estariam presentes nesse discurso que retoma o passado. Problematicando as motivações da Globo na direção de uma mudança de imagem social perante o público, lançamos uma reflexão: os relatos sobre a redemocratização, segundo

1 - A partir desse momento, sempre que nos reportarmos ao movimento, vamos tratá-lo apenas como ‘Diretas’.

2 - É o principal telejornal da Rede Globo. Líder de audiência, vai ao ar das 20h15 às 20h45, de segunda a sábado. Atualmente, possui, a cada edição, audiência média estimada de mais de 25 milhões de telespectadores (Fonte: Ibope - Telereport Abril 07).

o viés das obras do Memória Globo, colaboram para o resgate da memória coletiva sobre o fim da ditadura militar no Brasil ou para produzir sutis distorções?

A COBERTURA DO 'DIRETAS', SEGUNDA VERSÃO APRESENTADA PELA REDE GLOBO

As 'Diretas' permaneceram como uma espécie de 'ferida aberta' na história do telejornalismo da Rede Globo. As referências aos fatos reapareceram inúmeras vezes nos últimos anos. Até uma novela de época, que se passava na década de 30, intitulada *Esperança*, incluiu as 'Diretas'. [3] Na biografia de Roberto Marinho, escrita pelo jornalista Pedro Bial, também se lê a respeito (BIAL, 2005:286). O livro referido, porém, é o que de modo mais sistematizado exhibe o posicionamento da Globo a respeito dos fatos. Nota-se que, entre essa obra, publicada em 2004, e um artigo de Ali Kamel (diretor executivo de Jornalismo da Globo), divulgado em *O Globo* em 2003, há grande sintonia.

O artigo de Ali Kamel tornou-se referencial, pois sintetiza todo o eixo de argumentação que o livro, lançado pouco tempo depois, revelaria. Segundo ambas as publicações, no que se refere às 'Diretas': a) a Globo cobriu os comícios e noticiou o mais importante, o da Praça da Sé, no *Jornal Nacional*; b) quem critica a Globo perde de vista o feroz papel da censura, ao qual ela estava exposta; c) a verdadeira motivação para as críticas dirigidas à Globo estaria na expectativa de que esta apoiasse as 'Diretas'.

Iniciamos por reiterar que o *Jornal Nacional* do dia em que houve o comício da Sé – realizado no aniversário de São Paulo – não omite o comício a favor das 'Diretas'. No entanto, é inegável que a chamada da matéria omitia o objetivo do comício: "Festa em São Paulo. A cidade comemorou seus 430 anos com mais de 500 solenidades. A maior foi um comício na Praça da Sé." (Chamada do JN, in: *Jornal Nacional...*, 2004: 157).

Considerando-se que o telejornal deixa de mencionar, na chamada, o assunto mais importante do momento, em favor de um fato trivial, esperava-se, décadas depois, que fosse admitido o erro. Não é um reconhecimento da falha que se observa no livro. Insiste-se na relação direta entre o aniversário e o comício, o que justificaria a alusão inespecífica:

"A chamada da matéria [...] referia-se ao comício como

3 - No último cap. de *Esperança*, em fevereiro de 2003, o protagonista já velho cita acontecimentos políticos envolvendo participação popular: "Ao citar o período militar, repressão, campanha pela anistia, pelas 'Diretas', 'Fora Collor' etc., o narrador vai incluindo-se, bem como aos seus filhos, netos, bisnetos (...)" (FANTINATTI, 2004:303).

um dos eventos comemorativos do aniversário da capital paulista. De fato, havia a relação entre a manifestação e o aniversário da cidade.” (Idem: 157)

Também há no livro o esforço para esclarecer que, a despeito da “escala-da”, o conteúdo da matéria não deixava dúvidas quanto à natureza do comício, afinal, “... a reportagem de Ernesto Paglia relatou com todas as letras o objetivo político do evento: pedir eleições diretas para presidente da República.” (Idem, ibidem: 157). Não estamos de acordo com essa opinião. Da forma como foi ao ar, a matéria não primava pela clareza e sim, obscurecia e fragmentava a campanha que se desenvolvia pelas ‘Diretas’. Em parte, pela escassez de informações, que o tempo reduzido dedicado ao assunto determinara.

Sobre a ênfase contida na versão atual, segundo a qual a censura era implacável, vale lembrar a percepção de Mário Sérgio Conti (1999), destacando algo mais propriamente definido como auto-censura. Ele aponta a encruzilhada em que se colocou a Rede Globo, em relação aos comícios, quando outros meios passaram a noticiá-los:

“[...] Com a Bandeirantes e a Manchete dando flashes ao vivo e dedicando a maior parte de seus noticiários à manifestação na Sé, Boni imaginou uma maneira de mencioná-la, ao mesmo tempo em que cumpria a ordem de não noticiá-la. Numa reunião na sala de Armando Nogueira, determinou que uma repórter falasse da Praça da Sé, em menos de vinte segundos, que ali estava sendo comemorado com um show o aniversário de São Paulo. Não deu certo: além de omitir, a Globo foi acusada de distorcer a verdade.” (CONTI, 1999: 37-38)

Em entrevista concedida ao jornalista Roberto D’Ávila, que foi ao ar em 28 de dezembro de 2005, o próprio Boni confirmou as imposições daquele momento:

“A campanha das diretas foi uma censura dupla: primeiro a censura da censura, depois a censura do doutor Roberto [Marinho]. Como a televisão é uma con-

cessão do serviço público, eles [os militares] sempre mantinham uma pressão muito grande dentro da televisão. No momento das Diretas-Já eles ameaçaram claramente a Globo de perder a concessão ou de interferir mais duramente no entretenimento. Então, o doutor Roberto não queria que se falasse em Diretas-Já. Eu fui o emissário final do pessoal do jornalismo na conversa com doutor Roberto e ele permitiu que a gente transmitisse aquilo ali dizendo que havia um show pró-Diretas-Já, mas sem a participação de nenhum dos discursantes, quer dizer, a palavra e o que se dizia, estava censurado.” (José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. In: Agência Estado, 30/12/2005)

Confirma-se a atenção redobrada com o tema ‘Diretas’, pela cúpula; exemplifica-se a auto-censura e se esclarece que a diluição da natureza do comício era desejada.

Aderir, endossar, apoiar, torcer, empolgar-se. As versões atuais para os episódios indicam que era isso o que se esperava da Globo em relação às ‘Diretas’, e daí se deduz que o seu jornalismo teria sido criticado em função de ter frustrado tais expectativas:

“Mesmo quando a Globo passou a noticiar os comícios nacionalmente, a irritação permaneceu grande. Porque, embora não tenha mais deixado de mostrar em rede os principais comícios posteriores ao da Sé, a emissora manteve ainda, por algum tempo, o padrão de noticiá-los em matérias de até três minutos, quando *o anseio era que a Globo endossasse editorialmente a campanha*.” (Jornal Nacional...2004: 158) [grifos nossos]

No intuito de fazer parecer que foi a imparcialidade a marca da cobertura jornalística sobre as ‘Diretas’, demonstra-se justamente o contrário. Se os depoimentos atuais, para justificar o exíguo tempo dedicado ao movimento pelas ‘Diretas’ (ou os ardis na edição: mistura de assuntos, subtração de termos, omissão do assunto na chamada de uma matéria etc.), apóiam-se em expressões tais como “a Globo não fazia torcida” ou “a Globo não endossava”, apenas contribuem para confirmar o que já se sabia: que quando os proprietá-

rios da emissora não concordam com uma opinião, ela não terá o devido destaque no *Jornal Nacional*. Sem rodeios – e, aparentemente sem perceber as contradições que esse tipo de afirmação revela – admite-se que as práticas jornalísticas foram simples desdobramentos da opinião dos chefes (refletida nos editoriais); estavam longe, portanto, de refletirem o interesse público.

A POLÊMICA EDIÇÃO DO DEBATE ENTRE OS PRESIDENCIÁVEIS COLLOR E LULA

A ‘Era Collor’ talvez possa ser definida como exemplo da exacerbação da influência da televisão nos rumos da política, no Brasil. Tanto a centralidade do meio televisivo para a eleição de Fernando Collor, quanto os caminhos, também envolvendo essa poderosa mídia, que o levaram ao afastamento da presidência da República, estão repletos de fenômenos instigantes sobre os alcances da tevê na formação da opinião pública.

Dentre os episódios pelos quais a Globo foi acusada de um comportamento flagrantemente parcial no tratamento da notícia, destaca-se o do segundo turno das eleições presidenciais de 89, como talvez o mais crítico. Momento delicado da história do jornalismo da emissora, a edição do debate entre Collor e Lula, pelo JN, às vésperas da eleição, ainda não foi definitivamente enterrada. Vários anos depois, encontram-se tentativas de justificar o ocorrido.

Na década atual, o episódio aparece claramente como um exemplo a não ser repetido pela emissora:

“Hoje, a TV Globo adota como norma não editar debates; eles devem ser vistos na íntegra. Porque, ao condensá-los, necessariamente bons e maus momentos dos candidatos terão de ficar de fora, segundo a escolha de um editor ou um grupo de editores.” (*Jornal Nacional*... 2004: 214)

4 - O telejornal da Rede Globo vai ao ar das 13h15 às 13h45, de segunda a sábado; atinge em média 11,3 milhões de telespectadores (Fonte: Ibope - Telereport Abril 07).

No mesmo livro, a polêmica edição do debate Collor X Lula é recolocada, sob novos ângulos. Nele, João Roberto Marinho (vice-presidente das Organizações Globo) relativiza os prejuízos causados pela emissora à candidatura Lula; ao retomar a fatídica edição do JN do debate de 1989, comenta-a relacionada à edição feita no *Jornal Hoje*, [4] da mesma emissora, supostamente favorável à candidatura Lula:

“Depois desses anos todos, eu acredito que as duas edições estavam erradas: uma exagerou para um lado e a outra ficou aquém para o outro.” (João Roberto Marinho In: *Jornal Nacional - A Notícia faz História*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004)

O diretor proprietário não esconde que, em sua opinião, Collor havia ‘vencido’ o debate e que essa vitória deveria necessariamente se refletir na edição jornalística do telejornal de sua propriedade, ao ser lançada ao público em rede nacional. Sem se envergonhar de reduzir a grave questão ao simplório raciocínio de um placar de disputa esportiva, ele afirma:

“Collor tinha ganhado de 3x0, e o *Jornal Hoje* mostrara um compacto como se a partida tivesse terminado em 3x2. O *Jornal Nacional* teria mostrado um compacto mais próximo de 3x0.” (idem, *ibidem*, 2004: 214)

Sem hesitar, toma sua visão pessoal dos acontecimentos como padrão de realidade. Parece não se dar conta de que isso corresponda a mero ponto de vista ou convicção política, situados, portanto, no terreno opinativo. Ao contrário, considera que o seu julgamento pessoal sobre a superioridade do candidato Collor correspondia aos fatos, ao “que aconteceu” e que deveria ser refletido pelo telejornalismo da Globo:

“A edição do *Jornal Nacional* refletiu melhor o debate, que teve um vencedor. Depois que vi no ar, gostei sem dúvida mais da edição do JN. A edição do [*Jornal*] *Hoje* foi uma edição com excessiva preocupação em equilibrar o que não teve equilíbrio e, portanto, fugiu do que aconteceu.” (idem, *ibidem*, 2004: 212)

Sabe-se que a emissora não dispunha de elementos palpáveis para julgar se, também segundo o juízo de cada um dos eleitores, Collor havia “vencido” o debate. Não ficam claros quais os critérios adotados para considerar que não houve equilíbrio de forças, dando a entender que o jogo político foi reduzido ao jogo de cena, sob os holofotes televisivos. Mas não se pode perder de vista o fundamental: a emissora emitiu julgamento que caberia ao eleitor. Como se

fosse incontestável o fato de que performance televisiva não é sinônimo de capacidade para cumprir um programa de governo. No discurso corrente, sair-se bem nos 60 minutos de um debate ao vivo, acabou adquirindo importância decisiva, como se o candidato ao governo se candidatasse ao papel de ator, num programa de calouros. Como se a eficácia de uma plataforma política fosse redutível a aparição de seu representante na tela da TV.

A Globo definiu, enfim, os parâmetros a serem usados para desqualificar ou eleger um chefe de Estado: a boa aparição no vídeo, a imagem, a forma e imitação ao falar (a de Collor, supostamente mais firme), substituindo todos os complexos elementos envolvidos numa escolha do mandatário da Nação. E a assimilação passiva de tais critérios revela em que medida estamos impregnados pela ótica imposta pela "era da TV": sem questionamentos ao fato de que realidade e imagem televisiva podem confundir-se entre si, mas nem sempre se correspondem.

Em seguida, o livro mostra também uma nova postura de João Roberto Marinho, mais refletida, pelo passar dos anos, segundo declara. Mas ele segue absolvendo a atuação de sua empresa de comunicações. Acrescenta que o erro – presente tanto na edição do *Jornal Hoje* quanto na do *Jornal Nacional* – não se deu por má-fé, mas por inexperiência:

“(...) eu debito os dois erros à *inexperiência* de todos nós na época. É preciso sempre ter em mente que aquela era a primeira eleição para presidente na era da televisão de massa. Não passa pela minha cabeça que *os equívocos* tenham sido cometidos por *má-fé*.” (idem, *ibidem*, 2004: 231) [grifos nossos]

Fincado esse ponto de vista, que repele qualquer visão de conjunto sobre os fatos, o livro prossegue transcrevendo uma teia sem fim de explicações dadas por jornalistas supostamente envolvidos. Armando Nogueira (diretor da Central Globo de Jornalismo, na ocasião) acusa Alberico de Souza Cruz (ex-diretor de telejornais da Rede), que acusa Ronald de Carvalho (editor de política), que estaria sob orientação de Alice Maria (diretora-executiva), que alega ter se surpreendido ao ver a edição no ar; finalmente, Octavio Tostes (editor de texto do JN) assume ter sido o responsável pela edição do debate. Tostes afir-

ma que a edição foi manipulada e sem preocupações com isenção (2004: 220). Seus superiores hierárquicos não utilizam tais termos, mas acabam confirmando as ordens de editar beneficiando Collor. Não viam mal nisso e demonstram sintonia com a lógica expressa por João Roberto Marinho, de que era necessário traduzir, na edição, a superioridade de Collor (que havia vencido o debate) sobre Lula (que havia sido muito infeliz, ido muito mal no debate), para ser fiel ao que de fato se deu.

'FORA COLLOR': A 'PRIMEIRA' EM TELEJORNALISMO FOI A ÚLTIMA A APARECER...

A parte do livro *Jornal Nacional – A Notícia faz História* dedicada ao processo que culminou no afastamento de Fernando Collor de Mello da Presidência da República destaca uma entrevista exclusiva (que o *Jornal Nacional* exibiu em 21 de outubro de 1993) realizada pelo jornalista Roberto Cabrini com o tesoureiro da campanha, Paulo César Farias, o “PC Farias”, num momento em que este, acuado por ameaças que dizia vir sofrendo, saíra de maneira ilegal do país e fora localizado pela reportagem da Globo, em Londres.

A reportagem é contada em seus detalhes, no livro – vai da página 273 a 276 – e veicula uma imagem de jornalismo investigativo de primeira grandeza. No entanto, não deve passar despercebido ao leitor, que ela foi levada ao ar somente num momento em que Collor já estava afastado há tempos do poder; lembre-se que a carta de renúncia ao cargo de presidente, como tentativa de ‘driblar’ o *impeachment*, data de 29 de dezembro de 1992. [5]

Cabe registrar que as mais importantes denúncias de corrupção que envolviam, primeiro de forma indireta, e um pouco depois, diretamente o presidente da República não partiram da Globo.

A revista *Veja* e a *IstoÉ* empenhavam-se, semanalmente, na descoberta de indícios que estabelecessem ligações entre os diferentes acusados e Collor; obtinham em primeira mão depoimentos de funcionários ligados ao governo, tais como motoristas, secretárias. O SBT, no qual, à época, Jô Soares comandava seu programa de entrevistas, exibiu declarações decisivas do irmão do presidente, Pedro Collor. Enquanto isso, a Rede Globo cobria de modo discreto os desdobramentos dos trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito criada para averiguar o envolvimento de Collor em atos ilícitos.

Curiosamente, uma minissérie produzida pela Globo, que esteve no ar

5 - Ao renunciar, Collor tentava livrar-se a eminente cassação de seu mandato e da perda temporária dos direitos políticos – uma vez que o processo de impeachment, que havia sido aprovado em 29 de setembro de 1992, avançava velozmente, apontando claramente o seu envolvimento em processos corruptos. A estratégia revelou-se inútil. A despeito da renúncia, seguiu-se o processo de cassação do mandato presidencial.

6 - Trata-se de movimento composto em sua maioria por estudantes, que realizavam passeatas e atos públicos em todo o país, pedindo a renúncia de Collor; muitos deles apareciam com os rostos pintados.

de julho a agosto de 1992, intitulada *Anos Rebeldes*, cujo enredo baseava-se no movimento estudantil no Brasil, à época dos 'anos de chumbo', foi relacionada como um dos motes do movimento 'Fora Collor', que recebeu também a denominação 'caras-pintadas'. [6] Não é possível afirmar se a ficção, de fato, teve influências sobre a mobilização estudantil real. De todo modo, registre-se que, do ponto de vista do telejornalismo, a cobertura da Globo ficou aquém, ao ser comparada com o ritmo das revelações vindas de outras fontes e emissoras.

NOS DISCURSOS ATUAIS, QUE JORNALISMO, AFINAL, SE SOBRESSAI?

Nas diversas situações referidas, sobretudo a cobertura das 'Diretas', praticou-se um jornalismo movido pela auto-censura; o temor à perda da concessão da rede televisiva condicionou abertamente os rumos do jornalismo. A sintonia, ora com os militares, ora com governos civis representantes das elites, foi tornando-se característica, chegando a ser referida em inúmeras críticas, por seu 'governismo'. (BUCCI, 1996)

As opiniões e os posicionamentos político-partidários dos proprietários da emissora dão o tom dos enfoques dados à editoria política. No caso das 'Diretas', a simpatia pela transição democrática lenta, gradual e restrita – alardeada pelos militares alinhados com o general presidente João Batista de Oliveira Figueiredo – chocava-se com o movimento popular por 'Diretas', portanto esse deveria ser omitido ou focado discretamente; na edição do debate Collor X Lula, a preferência pelo candidato do PRN alça-o ao patamar de melhor candidato e esse critério de escolha ganha status de verdade absoluta, colocando-se acima de qualquer critério imparcial; na campanha que pedia o *impeachment* de Collor, o jornalismo que, tradicionalmente, destacou-se pelos furos de reportagem e pela abordagem de fontes inéditas, permaneceu à sombra das emissoras de tevê concorrentes e de outras modalidades midiáticas, pois, à época, Roberto Marinho ainda apoiava Collor. (CONTI, 1999)

O tom emocional e a espetacularização dos acontecimentos e notícias, longe de representarem um mal ao jornalismo, aparecem em algumas situações como modelares. Assim, em mais de uma situação, a cena política é reduzida em metáforas que aludem ao futebol. É o caso do uso da expressão 'torcer', para explicar o que, supostamente, os defensores das 'Diretas' esperavam

da Globo; é também o que se vê nas falas dos que julgam que a edição do debate Collor X Lula refletiu a verdade, ou seja, refletiu uma partida que teria sido desequilibrada, com o primeiro vencendo o segundo por 3 a zero.

Destacam-se, ainda, algumas discontinuidades, ao compararem-se os depoimentos dos proprietários à época de cada um dos acontecimentos e o conjunto de textos ora apresentado pelas publicações do Memória Globo.

Roberto Marinho, em 1990, tornou públicas algumas de suas concepções sobre o alcance de suas empresas, no que se refere ao poder do jornalismo. Em entrevista que concedeu pouco depois da eleição de Collor de Mello, o dono das Organizações Globo, embora não manifestasse esforços em demonstrar independência dos governos civis que se sucederam – ao contrário, revelava até mesmo certa arrogância, ostentando o seu poder de influência nos rumos do país – foi cauteloso ao responder sobre se usava seu poder e o que achava melhor para o país. Respondeu enfatizando sua ‘colaboração’ para o engrandecimento do país:

“...eu só usei o poder nesse terreno opinativo no *Globo*; em declarações e discursos eu uso essa colaboração – que eu considero modesta para o país. Você vê que a Rede Globo não é política, embora os jornais da Rede Globo tenham uma repercussão muito grande e uma forma de opinar. Não opinar mostrando o melhor, opinar em favor de determinados indivíduos, mas na melhoria e no aprimoramento e engrandecimento do país.” (Roberto Marinho, em entrevista. In: *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, 05/maio/1990, p. 4-5.)

Note-se a ênfase na afirmação de que, no que se refere à Rede Globo, não se pretendia em favor de determinados indivíduos, mostrando quem era o melhor.

Porém, o que se viu nas afirmações de João Roberto Marinho sobre a edição do debate de 1989 foi a justificativa de que Collor tinha ido melhor no debate, portanto, a edição jornalística deveria apontá-lo como vencedor. Cremos, então, que o afirmado pelo patriarca não teve efeito no critério de edição e/ou não influenciou as concepções do referido filho.

No que se refere às ‘Diretas’, muito da polêmica estabelecida se deu em

torno da 'confusão' entre festa de aniversário da capital paulista e manifestações políticas pelas eleições diretas na Praça da Sé, em 25 de janeiro de 1984. O texto publicado a respeito, pelo Projeto Memória Globo, possui força, é convincente principalmente porque, ao divulgar a íntegra da matéria que foi ao ar no dia do importante comício, deixa entrever que, a despeito da escalada – em que era omitido completamente o comício – estava presente na notícia a natureza política do evento. No entanto, chama atenção a necessidade dos autores do texto em justificar a fusão entre aniversário e comício. Do ponto de vista do jornalismo, a hierarquia de importância dos dois eventos é clara: o comício era o acontecimento mais relevante no momento, no país, pela dimensão política e pela repercussão popular que vinha tendo. É fato que a data especial favorecia e tornava emblemática a manifestação política. Mas é indefensável, jornalisticamente falando, que se misturem as duas notícias tal como se fez na fatídica edição do *Jornal Nacional*.

AS DISTORÇÕES APARECEM POR CONTA DA DESCONTEXTUALIZAÇÃO

Não se pode dizer, a rigor, que os depoimentos que as publicações do Projeto Memória Globo trazem à tona sejam mentirosos. Mas eles distorcem a realidade.

Importa destacar que, nos diversos exemplos que procuramos debater (das 'Diretas', da edição do debate entre presidencialistas e sobre o afastamento de Collor da Presidência), ao recontar o ocorrido, as publicações do Projeto Memória Globo descontextualizam e tentam tornar factual e episódico algo que foi característico na atuação da emissora ao longo das décadas: a forte presença da opinião dos proprietários da emissora nas edições jornalísticas, imprimindo-lhes um tom invariavelmente conservador.

Os fatos aparecem isolados da respectiva esfera histórica que os envolvia; tratados como se fossem meros fenômenos ligados a técnicas de reportagem ou de edição, os acontecimentos e suas implicações imediatas têm importância reduzida. E passam, no máximo, para o terreno dos erros individuais ou cotidianos.

Porém, retomando um quadro das forças políticas em conflito na fase de redemocratização no Brasil, das reais complexidades que teciam aquele específico contexto, salta aos olhos que, ao serem revisitados e recontados pela Glo-

bo na forma de memória do telejornalismo, alguns dos episódios mais marcantes, esses aqui expostos receberam grosseira despolitização. Há uma estratégia discursiva que os descola dos processos políticos em que se inseriam, relativizando o caráter manipulador que a edição jornalística pode engendrar.

Ainda do ponto de vista das práticas jornalísticas, nas situações analisadas, nota-se que a versão atual da emissora, em comparação ao que fora declarado à época dos respectivos acontecimentos, é mais auto-complacente. O que se admitia, em alguma medida, como possível equívoco por temor à ditadura, agora aparece como reafirmação de qualidade jornalística; como sinônimo de suposta imparcialidade.

Atualmente, ampliaram-se as preocupações da Rede Globo com a paulatina perda de pontos de audiência no chamado horário nobre (que envolve o *Jornal Nacional*). [7] A emissora talvez já não possa deixar de se posicionar claramente, defendendo sua imagem, quando necessário, diante de críticas que ameacem a sua credibilidade.

Ocorre que, ao mencionar fatos que motivaram críticas no passado – às quais ela talvez não tenha respondido imediatamente –, ela o faz sob o peso das distorções dos fatos que procura evidenciar. Torna-se necessário lembrar que, para grande parte do seu público e/ou leitor das obras do Projeto Memória Globo, muitos desses acontecimentos históricos são pouco explorados e conhecidos. Assim, cabe reiterar o clima político da fase final da ditadura militar e início da Nova República, para esclarecer o papel desempenhado pela Globo. Deixar de mostrar ao público as mobilizações de 1984 pelas 'Diretas' relaciona-se harmônica e diretamente aos compromissos recíprocos entre a Globo com os governos militares, no poder, à época. Do mesmo modo, a edição do debate de 1989, que antecipava a vitória de Collor, foi apenas corolário da preferência dos proprietários da Globo por aquela candidatura, e do seu temor a que partidos de esquerda se aproximassem do poder.

Esses fatos traduziram coerentemente, cada um a seu tempo, as efetivas relações que a Globo mantinha com os respectivos setores anti-populares envolvidos: sintonizada tanto com os militares contra as eleições diretas no primeiro caso, quanto com as elites que apoiavam a candidatura Collor, no segundo. A despeito de qualquer livro de história sob encomenda que se publique, a qualquer época.

7 - As preocupações com a imagem se intensificaram na última década e é recorrente o discurso relacionado aos governos militares, buscando demonstrar independência e exibir os supostos prejuízos sofridos com a censura (FANTINATTI, 2005).

BIBLIOGRAFIA

BIAL, Pedro. *Roberto Marinho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BUCCI, Eugênio. *Brasil em Tempo de TV*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1996.

CONTI, Mário Sérgio. *Notícias do Plamato*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FANTINATTI, Márcia M. C. M. "A nova Rede Globo: trabalhadores e movimentos sociais nas telenovelas de Benedito Ruy Barbosa". Tese de Doutorado. IFCH-Unicamp. Campinas, 2004.

_____. "Comunicação de massa e poder político: o atual discurso da Rede Globo revelando seu empenho por uma nova imagem". In: BEZZON, Lara (org.) *Comunicação, Política e Sociedade*, Campinas: Alínea, 2005.

Jornal Nacional - A Notícia faz História, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

KAMEL, Ali. "A Globo não fez campanha; fez bom jornalismo". In: *O Globo*, Segundo Caderno, 24/09/2003.

ECHEVERRIA, Regina. "Entrevista - Roberto Marinho". In: *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, 05/05/1990, p. 4-5.

PADIGLIONE, Cristina. "Caso Diretas já foi 'censura dupla', diz Boni". In: *Agência Estado*, 30/12/2005.